

EDUCAÇÃO FÍSICA, CIÊNCIA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: UM RASCUNHO DE ALGUMAS INDAGAÇÕES.

Pedro Henrique Zubcich Caiado de Castro

¹Departamento de jogos da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ).

²Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes da EEFD-UFRJ.

³Faculdades São José.

Ciência, contexto social e sociologia do conhecimento:

"DEIXAI O SABER SOBRE O SABER, Ó VÓS QUE ENTRAIS." (LATOUR, 2011, p.10). É este o alerta que o sociólogo Bruno Latour - parafraseando o célebre escritor Dante de Alighieri - utiliza para iniciar uma de suas principais obras no campo da sociologia do conhecimento. Na perspectiva do autor, o processo da descoberta científica está longe de uma imagética cristalizada sobre a Ciência moderna, a qual presume exclusiva "pureza" e desinteresse externo (que não o científico) como característica estruturante deste domínio do saber.

Latour (2011) afirma que a construção da "verdade científica" é povoada pela interação entre os cientistas e o contexto que os circunda. Nesse sentido, o fato científico é uma construção coletiva estabelecida na relação entre quem o produz - os cientistas/pesquisadores. Herdeiro de uma tradição sociológica construtivista⁴, sua sociologia do conhecimento é norteada pela seguinte premissa: não se separa ciência e o contexto social no qual ela é produzida.

Já o sociólogo Pierre Bourdieu, situado em uma concepção sociológica estruturalista⁵, concebeu sua sociologia do conhecimento a partir das noções de campo científico e capital científico. Para este autor, o campo científico é um espaço social de relações objetivas, representado como *locus* de disputa entre cientistas, com lógica própria - embora sujeito a influências externas/ da sociedade -, definido pela posição que o cientista possui perante seus pares (ORTIZ, 1983; BOURDIEU, 2004).

A posição adquirida por cada agente, no campo científico, é conquistada de forma diretamente proporcional ao nível de acúmulo de capital científico. Tal capital pode ser angariado de formas distintas: enquanto capital científico institucionalizado - aquele obtido

⁴ "Atribui, portanto, as mesmas causas sociais para os acertos e os erros, relativizando os fatos e propondo um novo modo de ver a ciência" (LORENZI e ANDRADE, 2011, p.107).

⁵ "[...] considera os fatos sociais como produto de um meio social jamais neutro, onde a hierarquia e o poder estão sempre presentes" (LORENZI e ANDRADE, 2011, p.107).

através de posições políticas de poder, como chefias de associações científicas, programas de pós-graduação e laboratórios; ou enquanto capital científico puro - conquistado a partir da produção de conhecimento (artigos científicos, trabalhos publicados em congressos, livros e etc.) reconhecida pelos pares ou conjunto de pares mais consagrados de determinado campo (BOURDIEU, 2004).

Embora oriundos de tradições e concepções sociológicas diferentes, ambos são uníssonos na compreensão que o "fazer científico" é, necessariamente, impregnado de pressões e elementos externos à própria ciência. Afastam-se, radicalmente, de uma concepção de ciência "purificada" (LATOURE, 2011) ou "hagiográfica" (BOURDIEU, 2004). Latour (2011, p.10) ilustra as (impensadas) interações entre a Ciência e sociedade: "'Suspense', 'jogada', 'tom', 'prazo de publicação', 'boquiaberto', 'seis semanas no máximo' não são termos comumente usados para descrever a estrutura de uma molécula [...] Mais uma vez, contexto e conteúdo se confundem".

E a Educação Física? Algumas considerações:

E quanto a Educação Física? Quais relações estruturam sua conformação enquanto subdisciplina de um domínio do saber e seu *modus operandis* científico? A ideia é problematizar alguns aspectos que envolvem a pesquisa científica na área, - sem pretensões a uma verdade última - a partir do alerta de Bruno Latour e da análise de Pierre Bourdieu.

O processo de desenvolvimento da Ciência moderna foi marcado pela tradição metodológica das Ciências Naturais, constituídos em princípios teórico-metodológicos como a neutralidade do pesquisador, a separação entre sujeito e objeto, a busca pelo postulado de princípios universais e a primazia de estudos de causa e efeito (PORTOCARRERO, 1994).

A Educação Física então, no Brasil, surge impregnada do discurso médico-higienista que, por sua vez, encontra nos valores da Ciência moderna elementos axiais para sua orientação teórico-metodológica. Na esteira deste raciocínio, é possível depreender que o campo científico da Educação Física absorveu, em grande medida, os preceitos científicos das Ciências Naturais - representados pela sua vertente teórica mais próxima do enfoque biológico (SOARES, 2003; MENDES e NÓBREGA, 2008; VELOZO, 2010).

Todavia, a história não se desvelou de forma linear: a década de 1980 marca a entrada dos referenciais teóricos das Ciências Humanas e Sociais na Educação Física (BRACHT, 2000; SOARES, 2003). Dessa forma, a área foi se configurando por sua amplitude epistemológica quanto à aproximação teórica com diversas áreas do saber (SÁNCHEZ GAMBOA, 2007; DAOLIO, 2007)

Já nas décadas de 1990 e 2000, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁶ passa a regulamentar a orientação do campo científico da Educação Física estabelecendo normas de gestão científica, principalmente, para os Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física - *locus* primordial para o desenvolvimento científico da área. Entre as principais diretrizes estão: o aumento quantitativo da publicação científica veiculada no formato de artigo; a publicação em periódicos científicos internacionais e a parceria intercambial com instituições de outros países (TANI, 2000; KOKUBUN, 2003).

Como consequência, tais regras, entre outros aspectos, privilegiaram - intencionalmente ou não - a produção científica no enfoque temático biológico da Educação Física, relegando à margem aqueles que produzem nas interfaces da área com as Ciências Humanas e Sociais. Enquanto a primeira, por seu caráter universalizado, encontra possibilidades de parceria e publicações em periódicos internacionais, bem como proximidade para veiculação no formato sintético do artigo científico; a segunda possui impacto e interesse

⁶ Mais informações em: <http://www.capes.gov.br/>

iminentemente regional/local - afastando-a dos periódicos de outros países -, assim como a propensão à publicação em formatos de divulgação científica "mais longos", como, por exemplo, os livros (BETTI *et. al.*, 2004; LOVISOLO, 2003, 2007, 2014; MANOEL e CARVALHO, 2011; MAIA DA SILVA e SORIANO, 2014).

É razoável, senão afirmar, mas, considerar, com base na sociologia do conhecimento de Latour (2011) e Bourdieu (2004), que o cenário acadêmico-científico atual, da Educação Física, é delineado não apenas pelo interesse de pesquisa dos investigadores que atuam na área (possível ideal ou idealização ingênua?); mas, em grande parte, conforma-se a partir das influências de regras de gestão científica que tem incidido de forma decisiva na orientação metodológica de pesquisa e opção temática destes pesquisadores - como em Latour (2011), Ciência, conteúdo e o contexto no qual são produzidas se confundem, se entrelaçam.

Castro (2015), entre outras importantes contribuições da área, tem demonstrado os impactos destas orientações na produção de conhecimento na Educação Física, que a partir dos anos 2000, convergiu de forma majoritária ao enfoque temático biológico e ao referencial metodológico das Ciências Naturais, na área. Nos achados do autor, evidencia-se que as pesquisas próximas às Ciências Humanas e Sociais, bem como o enfoque sociocultural como objeto de pesquisa da Educação Física, tem se restringido a poucos e específicos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física.

Ante o peso da CAPES e o auxílio teórico da sociologia de Bourdieu (2004), pode-se entender a CAPES como uma estrutura influente no "fazer científico" da área, reforçando a conservação dos interesses de pesquisa de uns, e, ao mesmo tempo, afastando os de outros. Exemplo rico, muito além do ímpeto investigativo "descompromissado" e "natural" de pesquisadores, há, em verdade, agentes e instituições incidindo objetivamente em "o que" e "como" será pesquisado.

Afinal, o que desejamos - enquanto alunos, professores e pesquisadores da área - para o futuro da Educação Física? Ficamos com a concepção de Sánchez Gamboa (2007) e Daolio (2007) acerca de uma Educação Física que possui sua virtude numa essência plural e ampla quanto possibilidade de uso referencial teórico e escolha temática de estudos? Ou ficamos com a constatação de Lovisolo (2014) que observa na fuga para área da Educação, Sociologia ou História a solução para aqueles que pesquisam nas interfaces entre Ciências Humanas e Sociais e a Educação Física - incorrendo, necessariamente, em perda da virtude plural antes mencionada? Conservar ou transformar: eis a querela que urge pela nossa resposta.

Parto da proposta submetida à CAPES pelo Fórum de Pesquisadores da Subárea Sociocultural e Pedagógica da Educação Física⁷. É premente reorganizar as regras que balizam a produção científica da área.

Grosso modo, destaco algumas medidas que visam uma nova perspectiva para pesquisadores que produzem conhecimento atrelado às Ciências Humanas e Sociais, na Educação Física, presentes no documento referenciado:

- a) Conquistar a autonomia da Educação Física enquanto campo científico diferenciado de outras áreas do conhecimento, bem como modificar as regras de avaliação de produção científica para que abarquem sua amplitude teórico-epistemológica, em virtude de suas interfaces tanto com as Ciências Naturais, quanto com as Ciências Humanas Sociais;
- b) Incentivar os Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física a possuírem ou ampliarem áreas de concentração e docentes credenciados em linhas de pesquisa atreladas às humanidades;

⁷ O documento representa um manifesto de pesquisadores das (sub)áreas sociocultural e pedagógica da Educação Física por mudanças nas regras de avaliação científica da área. Mais informações em: <http://www.cbce.org.br/noticias-detalle.php?id=1074>

- c) Aperfeiçoar o sistema de avaliação de produção científica em formato de livros - colocando em igual patamar de importância ao das publicações de artigos em periódicos científicos -, tendo em vista a importância deste formato de veiculação para aqueles que pesquisam nesta vertente da Educação Física;
- d) Instituir, no sistema de avaliação científica da Educação Física, formas de valorização e pontuação mais expressiva para trabalhos publicados em anais de congressos que possuam relevância para área;
- e) Reformular o sistema de pontuação para artigos científicos publicados na área, relocando periódicos que absorvam a produção de pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais, na Educação Física, em melhor posição - fato que não ocorre atualmente;
- f) Fomentar o incremento quantitativo de novos professores/pesquisadores - que pesquisam nessa temática - no corpo docente de Programas de Pós-Graduação da área.
- g) E, por fim, espaço para participação mais contundente destes pesquisadores nas comissões de avaliação científica da Educação Física, na CAPES.

Demarco, assim, meu ponto de vista: transformar para retomar a pluralidade de pesquisas na Educação Física. O debate já data, ao menos, 16 anos - tempo suficiente para estabelecermos as mudanças necessárias. É preciso romper com o fetichismo acadêmico-científico pela legitimação da Educação Física enquanto ciência calcada em preceitos teórico-metodológicos "tradicionais" - aqueles oriundos das Ciências Naturais - e que, ao mesmo tempo, excluem ou afastam aqueles diferentes a estas orientações.

No limite, garantir possibilidades iguais de pesquisa aos investigadores da área - qualquer seja sua opção temática ou metodológica - é promover a própria autonomia da Educação Física enquanto campo científico.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004.

BETTI, M. *et al.* A avaliação da educação física em debate: implicações para subárea pedagógica e sociocultural. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 1, n. 2, p. 183-194, nov. 2004.

BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n.01, p. 53-63, set. 2000

CASTRO, P.H. Z. C. **O panorama da produção científica em Educação Física no novo milênio:** uma análise a partir de dissertações e teses. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

DAOLIO, J. O ser e o tempo da pesquisa sociocultural em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 29, n. 1, p 49-60, jul. 2007.

KOKUBUN, E. Pós-graduação em educação física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 9-26, jan. 2003.

LATOUR, B. **Ciência em ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2 ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

LORENZI, B.R.; ANDRADE, T.H.N. Pierre Bourdieu e Bruno Latour: discutindo as controvérsias. **Teoria & Pesquisa**, v. 19, p. 107-121, 2011.

LOVISOLO, H. A política de pesquisa e a mediocridade possível. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 24, n. 2, p. 97-114, jul. 2003.

_____. Levantando o sarrafo ou dando tiro no pé: critérios de avaliação e qualis das Pós-graduações em Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, p. 23-34, set. 2007.

_____. Gestão de revistas: algumas considerações e sugestões para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 36, n. 4, nov. 2014.

MANOEL, E. J.; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.2, p. 389-406, mai./ago. 2011.

MAIA DA SILVA, P.; SORIANO, J. B. Qualis periódicos e a produção de capital científico nos programas de pós-graduação em Educação Física. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 281-304, out. 2014.

MENDES, M. I. B. S.; NOBREGA, T. P. O *Brazil-Medico* e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, mar. 2008.

ORTIZ, R. (Org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

PORTOCARRERO, V. (Org.) **Filosofia, história e sociologia das ciências I**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 272 p.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Epistemologia da educação física**: as inter-relações necessárias. Maceió: EDUFAL, 2007.

SOARES, C. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v.9 n.3, p. 125-147, set./dez. 2003.

TANI, G. Os desafios da pós-graduação em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.1, p. 79-90, set.2000.

VELOZO, E. L. . Educação física, ciência e cultura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, p. 79-93, 2010.